DOMESTICANDO DRAGÕES COM DOÇURA: A LITERATURA INFANTIL COMO EXEMPLO POSITIVO DE MASCULINIDADE

João Emanuel Neves de Sousa[1]

RESUMO

Com o advento dos estudos feministas, muito vem se discutindo sobre o que é ser um homem. Alguns recorrem a modelos históricos, outros estudam a masculinidade como algo desenvolvido por diversos fatores, entre eles a cultura. Seja como for, a análise da masculinidade já ultrapassou a esfera da curiosidade, tornando-se uma questão de saúde. Com apoio de textos envoltos na temática, o objetivo deste texto é propor o uso do livro "Como treinar o seu dragão" como uma ferramenta educativa para um modelo saudável de masculinidade, analisando a obra criticamente. Sob a perspectiva da Análise do Comportamento Radical, verificou-se as nuances do comportamento masculino e seus impactos na vida dos homens. Ao analisar algumas partes da obra, destacou-se como as pressões por um modelo ideal de homem causam sofrimento, enquanto habilidades subalternizadas podem sobressair como as mais vantajosas para um homem. Com efeito, a literatura infantil surge como uma ferramenta aliada ao processo de remodelagem saudável do ideal de masculinidade entre meninos.

Palavras-chave
Masculinidade; Análise do Comportamento; Literatura infantil.

[1] Faculdade Maurício de Nassau. Orcid: https://orcid.org/0009-0007-8054-4348.

ABSTRACT

With the advent of feminist studies, there has been considerable discussion regarding what it means to be a man. Some look to historical models, while others study masculinity as something shaped by various factors, including culture. In any case, the analysis of masculinity has moved beyond mere curiosity to become a matter of health. Drawing on relevant literature, this article aims to propose the book *How to Train Your Dragon* as an educational tool for fostering a healthy model of masculinity, through a critical analysis of the work. From the perspective of Radical Behavior Analysis, the nuances of male behavior and their impact on men's lives were examined. An analysis of specific parts of the work highlights how pressures to conform to an ideal male model cause suffering, whereas skills often deemed subordinate may actually prove most advantageous for a man. Thus, children's literature emerges as a valuable ally in the process of reshaping the ideal of masculinity among boys toward a healthier model.

Keywords
Masculinity; Behavior Analysis; Children's literature.

INTRODUÇÃO[2]

> Um dia vivi a ilusão que ser homem bastaria. Que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisesse ter. Que nada! Minha porção mulher, que até então se resguardara, é a porção melhor que trago em mim agora, é a que me faz viver.
> (Gilberto Gil)

O que é necessário para ser reconhecido como homem? Quais são as fronteiras entre o masculino e o feminino? O que desejamos para o futuro dos meninos? Questionamentos como esses são pertinentes em tempos de crises da

[2] Este ensaio teórico utiliza a obra "Como treinar o seu dragão" (Cowell, 2010) como estratégia didática para abordar a temática de gêneros. Assim, expressa-se um agradecimento especial à Mayara S. Pereira pela concessão da obra, por rezar pelos meninos doces e ensiná-los que, justamente, tal doçura é virtuosa e leva-os a alçarem voos corajosos entre dragões e desafios.

masculinidade, entre movimentos de *redpills*[3], governos autoritaristas e revitalização de valores patriarcais. Cabe prospectar modelos saudáveis para os meninos, opondo-se às expectativas tradicionais do "homem de verdade", uma vez que estas detêm prejuízos significativos embutidos em suas coerções, especialmente danos à saúde mental dos homens.

Há uma inspiração nos homens arcaicos para sustentar a prerrogativa masculina. Moreira (2021) postula que o machismo é visto, na atualidade, quando se roga pela ressurgência do símbolo de homem pré-histórico, o qual se desenha como dominador, selvagem e violento. Na cultura nórdica, por exemplo, o ideal de homem não divide espaço com condutas efeminadas e questões sexuais que contraponham a virilidade e bravura masculina (Langer, 2015). Um episódio recente corrobora com esse raciocínio. Em janeiro de 2021, o Congresso Nacional Americano foi invadido pelo "Viking de Capitólio", um homem americano estilizando uma masculinidade viril por meio de adereços vikings (ou de bisão-americano) em defesa de seus ideais políticos e partidários (Moreira, 2021).

Questões políticas e partidárias têm muito em comum com o tema das masculinidades. Governos autoritários emergem nos cenários atuais instaurando valores viris na política, estimulando o retorno da figura simbólica de homem viril armado para a guerra (Moreira, 2021). Contudo, após as guerras mundiais, diversos grandes sistemas colapsaram, o que enfraqueceu a educação masculina tradicional e acoplou uma crise nas instituições tradicionalmente masculinizadas (Viana; Ferrarini, 2016). Assim, o apelo à figura do "homem de verdade" é um elemento primordial para os modelos governamentais de autoritarismo (Moreira, 2021). A masculinidade não é uma vantagem nas guerras, e segue como se fosse.

Ser homem é sinônimo de dominar pela virilidade. A violência é um fator crucial para expressão da dominação dos homens sobre classes minoritárias (Bourdieu, 2014 *apud* Moreira, 2021). Nesse sentido, os homens se aglutinam uns aos outros, e são homens aqueles que sucumbem às regras; tudo e todos que destoam do padrão estão sujeitos a uma espécie de subordinação compondo uma casta minoritária. Por isso se diz que o machismo está relacionado à misoginia, à homofobia, à transfobia, até mesmo ao capacitismo. Defende-se que há apenas um jeito correto de ser homem; e quem é lidera e adquire privilégios.

[3] Estes movimentos consistem em comunidades digitais masculinistas e reativas que espalham discursos misóginos contra o feminismo. Ao atingir meninos em fase de formação através de redes sociais, o movimento os atrai com a ideia de que "homens são as verdadeiras vítimas", incentivando a hostilidade contra as mulheres e a adoção de atitudes machistas desde cedo (Ferreira, 2025).

Em contraponto, os estudos feministas revelam que há uma pluralidade de masculinidades (Kuch; Dittrich, 2023; Kuch; Dittrich, 2024; Marques; Melo, 2024; Viana; Ferrarini, 2016). Portanto, deve-se analisar o que vem sustentando essas hierarquias de gênero, como são adquiridas e quais são os seus efeitos individuais e coletivos. Para auxiliar nessa missão, a Análise do Comportamento, fruto do Behaviorismo Radical, tem muito a contribuir, enquanto disciplina da Psicologia, uma ciência humana versada em temáticas sociais.

Essa investigação do campo de gêneros se faz ainda mais urgente com o público infantojuvenil. As crianças estão cada vez mais prematuramente próximas das escolas do que acompanhadas da família (Esper; Unsain; Figari, 2022). Em virtude dessa descentralização da família e aproximação de espaços grandemente influenciados pela coletividade, as crianças são expostas a modelos não diretivos de comportamentos, incluindo o comportamento de expressão de gênero, acarretando compreensões deturpadas sobre alteridades e valores.

As crianças possuem uma relação ativa sobre os estereótipos de gêneros desde sua primeira fase de socialização e não respondem de modo passivo, como uma tábula rasa que absorve as regras arbitrárias do jogo de gêneros (Esper; Unsain; Figari, 2022). A todo instante, e sutilmente, estamos sob influência dos discursos que mantêm as relações de gênero tradicionais (Botton; Strey, 2015). Existem práticas sociais nas escolas que ilustram os estereótipos de gêneros produzindo e reproduzindo saberes, os quais requerem observações e reflexões constantemente (Esper; Unsain; Figari, 2022).

Sob esse viés, este texto, motivado pelas epistemologias feministas e alinhado ao compromisso de remodelação das masculinidades para outras mais saudáveis, visa contribuir com a discussão da temática. Trata-se de um ensaio teórico, cuja categoria textual famosa nas ciências sociais, segundo Meneghetti (2011), é guiado por reflexões profundas sobre a realidade e não apenas pela busca por respostas, embora recorra às razões científicas quando necessário. Ainda para o autor, esse tipo de texto valoriza o entendimento qualitativo dos fenômenos estudados e debruça sobre o ineditismo exigindo elementos de originalidade e dialogando entre diferentes epistemologias. Aqui é o conteúdo quem convida a forma ditando a sequência lógica para contemplar a exposição das ideias.

A partir da pergunta sobre "quais são os desafios enfrentados por jovens meninos que não exibem comportamentos tradicionalmente atribuídos à masculinidade pela cultura?", este ensaio disserta sobre a maneira que o conteúdo do livro "Como treinar o seu dragão" (Cowell, 2010) auxilia na compreensão de gê-

nero e da violência contra os meninos que não atendem ao ideal de homem. Para explorar essa obra, após diversas leituras, criou-se três categorias para análise qualitativa: I) o ideal de homem velado na figura do viking, II) as implicações da masculinidade nas gerações e parentalidades, e III) os efeitos da inconformidade ao ideal de homem. Inúmeros trechos da obra foram destacados compondo alguma dessas três categorias.

Para fundamentar as percepções obtidas pela leitura do livro de Cowell (2010), coletou-se artigos de forma não-sistemática. Com base nessa seleção bibliográfica, fez-se útil dividir este ensaio entre seções. Iniciando pelas problematizações do ideal de homem, discorre-se como ele foi se modificando com o tempo devido aos estudos feministas. Em seguida, confere-se à masculinidade um modelo comportamental, baseado na Análise do Comportamento, contribuindo com possíveis explicações para as dinâmicas de gênero. Logo depois, as três seções correspondem às categorias de análise qualitativa do conteúdo do livro, relacionando os trechos com a problemática da masculinidade à luz dos estudos feministas e comportamentais. Por último, uma seção que revela os impactos das exigências machistas na vida dos homens, em especial na saúde mental, e discute o uso da literatura infantil para educação de meninos sob a valorização das suas múltiplas virtudes rígidas ou dóceis.

Com apoio da literatura, adultos ensinam modos de ser às crianças (Botton; Strey, 2015). Nem sempre se garante a melhor das maneiras de ensinar um garoto a ser homem, mas é viável planejar alternativas melhores que as atuais, apoiando e prevendo resultados mais reforçadores (Kuch; Dittrich, 2024). Em vista disso, o objetivo deste texto é propor o uso do livro "Como treinar o seu dragão" (Cowell, 2010) como uma ferramenta educativa para um modelo saudável de masculinidade.

GENE DOMINANTE, CULTURA RECESSIVA: O QUE É SER MASCULINO?

Ao longo do tempo e do espaço, ensinou-se sobre grandes civilizações governadas por regimes patriarcais. Ainda utilizadas como modelos para o mundo atual, cabe se indagar por que os homens são sempre os grandes líderes dessas sociedades clássicas e as referências nos campos de saber. Por meio de questionamentos sobre essa centralização dos poderes e instâncias de controles nas mãos dos homens, revelou-se uma perturbação no equilíbrio entre a igualdade

de gêneros. Isso intensificou a mobilização de mulheres no embate das questões de gênero repensando novos modelos em diversas áreas sociais.

Com isso, o foco sob os entraves das masculinidades chegou com as contribuições dos estudos feministas, nas décadas de 1970 e 1980 (Kuch; Dittrich, 2023; Kuch; Dittrich, 2024; Marques; Melo, 2024; Viana; Ferrarini, 2016). A partir de então, homens também foram convocados a questionarem sua categoria de gênero, enfatizando um novo campo de estudo voltado às masculinidades (Kuch; Dittrich, 2023). Dessa vez com o intuito de remodelar o que compete a eles, considerando uma relação de equidade com as mulheres, desvirtuando-se da suposta soberania patriarcal.

Sob essas contribuições dos estudos de gênero, mulheres e homens vêm revelando as facetas do universo masculino como algo múltiplo a ser estudado. A noção de masculinidades plurais facilitou sua definição como práticas de relações hierárquicas, mantidas por exclusão, intimidação, exploração, entre outras (Kuch; Dittrich, 2023). Dinâmicas assim que expõem a fragilidade na masculinidade tradicional, cujo corpo está preenchido de expectativas.

Por exemplo, espera-se que os meninos usem azul e que se comportem com força e vigor exibindo atitudes severas que afirmem seu gênero (Esper; Unsain; Figari, 2022). Porém, esses e outros requisitos para ser um "verdadeiro homem" parecem carentes de sentido ou, no mínimo, apenas arbitrários. Portanto, é válido buscar algumas explicações sobre a exigência de andar, falar, agir, enfim, "comportar-se como homem".

Alguns recorrem a uma autorrepresentação genealógica em modelos ancestrais de uma linhagem exclusivamente masculina: viril, dominante e intrépida (Moreira, 2021). Seriam características impressas na espécie, como uma suposta herança genética, que justificam a masculinidade como imutável. Por outro lado, existem diversas figuras de masculinidade nas sociedades, como o homem provedor, o consumidor, o líder, o boêmio, o machão, o irresponsável (Viana; Ferrarini, 2016). Essa diversidade de arquétipos hominizados fragiliza a premissa de que o "ser homem" é puramente genético. Ainda assim, homens insistem na autorrepresentação de povos primitivos como **vikings**, romanos, espartanos e europeus medievais (Moreira, 2021). Isso para explicar o gênero como algo hereditário[4].

[4] Essa é uma forma de defender que "sempre fomos assim", o que desconsidera uma variável relevante: a cultura. Basta abrir um livro histórico para notar como os homens, e as pessoas em geral, mudam ao longo do tempo e do espaço (Kuch; Dittrich, 2024).

Mesmo com masculinidades distintas emergidas entre civilizações, há quem defenda haver algo em comum. Segundo Moreira (2021), todos os homens, mediante o risco de perder sua masculinidade ancestral e biológica, agem de forma agressiva, cruel, e extremista pelo medo. Ainda para o autor, a visão socioantropológica de "ser um homem de verdade" inclui uma ritualização simbólica e violenta entre os gêneros para defender a posição moral dos "machos dominantes". Contudo, essa explicação atribui um valor desmedido ao medo, o que será esclarecido na próxima sessão. Além disso, a posição de "macho dominante" não é abraçada de maneira horizontal por todos os homens.

Por alguma razão, alguns homens não se enquadram nas expectativas dominantes. Em sociedades de regimes conservadores, homens inadequados ao modelo patriarcal eram/são intensamente rejeitados (Viana; Ferrarini, 2016). Sabendo disso, suspeita-se que os homens assumem um compromisso violento consigo para performarem a masculinidade esperada, mesmo não concordando, a fim de evitarem o risco de serem subalternizados. Já aqueles que fogem à regra estão sujeitos a punições ante o novo modo de ser homem. Então, aparentemente, há uma instância cultural muito mais do que genética por trás disso.

Inicialmente, a masculinidade era vista como algo estático (Kuch; Dittrich, 2023). Mas com o avanço dos estudos de gênero, tem-se defendido que as masculinidades são modelos culturais complexos e assumidos em diferentes configurações no tempo e no espaço (Kuch; Dittrich, 2024). Também para Farias (2023), a masculinidade é um fenômeno histórico-social, embora pautado no controle, no poder e na dominação entre gerações. Com efeito, tem-se estudado que não há um modo único de ser homem, pois o "ser homem" é um produto sob controle de condições específicas no tempo e lugar, é um produto cultural.

A partir dessas teorizações, surgem algumas premissas. Para Viana e Ferrarini (2016), o estudo da masculinidade não deve se basear em prescrições, isto é, definir como os homens devem ser, mas voltar-se às características concretas do homem em sociedade. Em contraponto, talvez o estudo da masculinidade não deva se inibir de prescrições, visto que os modelos propagados têm sido prejudiciais. Sendo assim, é possível compreender o tornar-se homem como algo cultural e prospectar modelos mais apropriados, isentando-se da neutralidade epistemológica.

Nesse sentido, a masculinidade assume algumas configurações, evidentemente, danosas aos próprios homens, uma vez vistas como uma relação deles com o seu entorno. Existem três configurações de masculinidade, sendo a hegemônica, a cúmplice, a subordinada (Kuch; Dittrich, 2023). A configuração da

masculinidade hegemônica sugere uma prerrogativa, já que é o modelo mais honrado e que mais expressa autoridade sobre os demais (Kuch; Dittrich, 2023). Ela não é estatística, afinal poucos homens são tão privilegiados entre si, por isso se refere a um padrão normativo, isto é, um modelo comportamental mantido, inclusive, por práticas misóginas e homofóbicas (Kuch; Dittrich, 2023).

Os estudiosos Kuch e Dittrich (2024) enxergam uma congruência entre a masculinidade hegemônica e a masculinidade tradicional. Isso porque ambas compõem regras rígidas e sexistas governando os comportamentos dos homens como dominantes, fisicamente fortes, heterossexuais, invulneráveis emocionalmente, autossuficientes e sem feminilidade. Ademais, os autores afirmam que não são hierarquias fixas, pois podem se modificar, e se modificam, culturalmente. Quando a aproximação da hegemonia masculina traz privilégios, ou dificultam a subjugação por outro homem, existe uma configuração de cumplicidade. Já a configuração de masculinidade subordinada consiste na subversão das configurações hegemônicas, oportunizando um novo espaço de crescimento interpessoal, mas cheio de riscos e mazelas (Kuch; Dittrich, 2023; Kuch; Dittrich, 2024).

O DESENVOLVIMENTO DA MASCULINIDADE ENQUANTO COMPORTAMENTO

As problematizações de gênero impulsionam estudos em diversas áreas das ciências humanas e sociais aplicadas. Como parte desse elenco, a Psicologia tem muito a contribuir com as discussões de gênero, afinal impactam as relações sociais. Uma das abordagens psicológicas é a Análise do Comportamento, apresentada como

> [...] uma ciência que estuda o comportamento, sendo a filosofia dessa ciência, o Behaviorismo Radical. Dessa forma, ela compreende o ser humano como um organismo que interage com o seu ambiente (seja ele físico ou social), produz, e entra em contato com as consequências do que produziu. Isso é o que esta ciência entende como comportamento: uma interação entre o organismo e seu ambiente, que se modificam mutuamente (Skinner, 1974/2012). Os comportamentos, portanto, podem ser mantidos ou extintos conforme as interações que estabelecem com seu meio (Marques; Melo, 2024, p.3).

Com base nas contribuições dessa ciência, que observa o comportamento de modo vivo e interativo, é possível identificar quais condições estão favorecendo-os, bem como compreender as limitações de práticas culturais e desenvolver propostas resolutivas (Kuch; Dittrich, 2023). Sendo assim, é uma abordagem de grande valia para estudos de cunho social.

Enquanto fruto do Comportamentalismo Radical[5], a Análise do Comportamento, compreende as masculinidades como comportamentos socialmente selecionados (Kuch; Dittrich, 2023). Nesse sentido, uma masculinidade pode ser analisada sob dois níveis de seleção[6]: ontogenético e cultural. No nível da ontogenia, analisa-se o comportamento masculino como fruto de contingências sociais mantidas por reforçamentos diferenciais[7], modelos e regras que condicionam o comportamento dos homens. No nível da cultura, investiga-se o comportamento masculino enquanto uma seleção por consequências culturais duradouras (Kuch; Dittrich, 2024). Assim, corrobora com a versão de que a masculinidade é uma configuração das práticas culturais dos homens desenvolvida dentro da estrutura insistente de gênero (Conell, 1995 *apud* Kuch; Dittrich, 2023).

Uma vez que as masculinidades são configurações culturais produzidas e mantidas por diferentes ingredientes sociais e históricos, não devem ser compreendidas somente como características inatas ou produtos de impulsos internos dos homens (Kuch; Dittrich, 2023). Tais impulsos podem ser relacionados a

[5] Behaviorismo (em inglês) Radical é a filosofia por trás da Análise do Comportamento, que é uma ciência. Essa filosofia se questiona sobre a procedência dos comportamentos, suas causas e sobre a fragilidade descritiva em afirmações de que os comportamentos são apenas herdados ou são apenas construídos internamente. Embora alguns comportamentos seja, sim, inatos como dormir e comer, boa parte dos comportamentos são operantes, isto é, aprendidos a partir de uma relação entre a pessoa e o seu ambiente (Skinner, 1974).

[6] Os três níveis de causalidade do comportamento são: filogenético, ontogenético e cultural. Estão sempre confluindo na ocorrência dos comportamentos, variando em medidas, por parte das heranças genéticas, aprendizagens por interações nas histórias do desenvolvimento, e regras culturais passadas por outras pessoas (Moreira; Medeiros, 2019).

[7] Processo em que alguns comportamentos são reforçados quando próximos do esperado e outros não são visando sua remoção do repertório (Borges et al, 2012).

determinismos biológicos ou essencialistas[8], como discutidos anteriormente. Já que não consistem apenas em expectativas ou frutos de personalidade, expressam-se em ações concretas nas relações de hegemonia, subordinação e cumplicidade entre pessoas de um mesmo gênero ou de gêneros distintos, em diferentes ambientes (Kuch; Dittrich, 2023).

Nesse sentido, a versão de Moreira (2021), em que os homens são impulsionados pelo medo que causa a virilidade necessária para defesa da sua posição moral, destoa das definições analítica-comportamentais. Isso porque não é o medo que provoca o repertório comportamental[9] masculino, essa emoção é um produto de quando homens desvirtuam do padrão, sofrendo punições, e se ajustam para evitá-la novamente. A virilidade, ou agressividade, não surge do medo, e ainda o impede de surgir diante de uma adversidade punitiva. Enquanto evitar o medo, a virilidade será repetida e mantida pela seleção da sua consequência.

Muitos comportamentos são selecionados ou evitados a partir daquilo que trazem como consequências. Por exemplo, as ações concretas de masculinidade, entendidas como comportamentos masculinos, são aprendidas desde a tenra idade por meio da interação com homens adultos, bem como por produções midiáticas em esportes, filmes, livros, propagandas (Kuch; Dittrich, 2023). Quando crianças identificam que homens adultos, sejam seus pais ou sejam heróis midiáticos, comportam-se de maneira viril e dominante e obtêm alguma vantagem, elas podem reproduzir para acessarem um benefício similar. Assim, o comportamento de masculinidade hegemônica procede como uma aprendizagem transgeracional mediante regras, modelação e modelagem[10] (Kuch; Dittrich, 2024).

Desde a Idade Moderna, algumas instâncias promotoras de regras têm sido as famílias, as instituições religiosas, as organizações militares, as referências polí-

[8] Para Skinner (1974), determinismos biológicos, isto é, que o comportamento é inteiramente gerado pelos atributos genéticos, e determinismos essencialistas, isto é, que o comportamento é inteiramente gerado por essências metafísicas ou místicas, carecem de substancialidade na explicação das causas do comportamento. Para ele, o comportamento é fruto de uma múltipla relação de variáveis envolvidas no que acontece antes e depois do comportar-se resultando em aprendizados, logo não há uma determinação única e irreversível do comportamento.

[9] São os comportamentos aprendidos por uma determinada pessoa, é o que ela já é capaz de fazer (Borges et al, 2012).

[10] Modelação é um processo de aprendizagem advinda de um procedimento (modelo), uma pessoa observa outra agindo e então faz o mesmo considerando as consequências observadas. Modelagem é um processo mais longo de aprendizagem com respostas reforçadas diferencialmente em mudanças gradativas até atingir o comportamento-alvo (Borges et al, 2012).

ticas, entre outras que endossam a manutenção e a transmissão dos ideais de masculinidade (Viana; Ferrarini, 2016). Os próprios homens estabelecem suas regras para governarem os comportamentos adequados ao seu gênero (Kuch; Dittrich, 2023). Ainda que não vejam o modelo diretamente, regras são lidas e ensinadas garantindo que se comportem de maneira específica e adquiram vantagem.

Com efeito, seja pela observação vicária ou pelo contato com regras, aqueles que aprendem as configurações hegemônicas mantém seus comportamentos porque acessam mais reforçadores[11] que outros homens, como também aqueles que aprendem configurações de cumplicidade mantém seus comportamentos porque acessam mais reforçadores quando estão aliados aos outros homens (Kuch; Dittrich, 2023). Alguns desses reforçadores são posições de autoridade institucional e controle de riquezas (Farias, 2023).

Por outro lado, aqueles que desenvolvem configurações subordinadas não acessam os mesmos reforçadores, visto que não estão de acordo com a prerrogativa masculina (Kuch; Dittrich, 2023). O comportamento subordinado também é mantido pelas consequências, porém, diferente do hegemônico, são sensíveis a outros reforçadores; ou por tentarem, e não conseguirem, o comportamento de "ser homem" se extingue. Então, os homens e meninos subordinados se tornam alvos de punições e represálias por parte do grupo hegemônico e seus cúmplices. Se sofrem punições, também são coagidos a seguirem as regras com dificuldade.

Os homens evitam comportamentos relacionados às mulheres, por exemplo a vulnerabilidade emocional, ou melhor, expressão de sentimentos, pois sob o mando[12] "seja homem", suprimem comportamentos entendidos como femininos (Kuch; Dittrich, 2023). Esse mando é punitivo no sentido de que não indica o que é ser homem diretamente, ele informa uma proibição e conduz à vaga compreensão de que os homens aprendem a serem homens aprendendo a não serem mulheres.

[11] Quando uma consequência, em geral itens e estímulos, produzida por um comportamento, aumentam a frequência, duração e intensidade desse comportamento, tornando-o mais provável de acontecer outras vezes, chama-se tal consequência de reforçadora. Quando se observa que uma consequência está recorrentemente envolvida com um mesmo comportamento repetitivo, entende-se que ela é um reforço para a repetição do comportamento (Sella; Ribeiro, 2018). Assim, reforçadores são "recompensas" para comportamentos sob condições específicas, mas nem sempre sadias.

[12] É uma resposta verbal controlada por uma variável envolvida com a motivação específica do contexto, determinando consequências como retirada de condições aversivas ou entrega de recompensas (reforçadores) (Borges et al, 2012).

Diz-se como são as mulheres e, então, espera-se que os homens sejam opostos. Os homens não fazem o que fazem porque são homens, tampouco agem apenas pela alteridade. Seus comportamentos definidos como masculinos são frutos do seu desenvolvimento pessoal (ontogênese) dentro uma cultura, enquanto conjunto de regras, não um mero acaso. Se os homens agem agressivamente, violentamente, coercitivamente, é porque, ao se comportarem assim, recebem consequências satisfatórias uns dos outros em ambientes selecionados. Os homens não são dominantes por natureza, aprendem a dominar e os locais onde dominam reforçam a perpetuação dessa virilidade fantasiada de fruto da natureza.

Enfim, pela Análise do Comportamento se descobre o que está relacionado ao comportamento masculino, seja ele hegemônico, cúmplice ou subordinado. Com esse registro, pode-se alterar as condições, consequências e ambientes que se relacionam ao comportamento em questão. Uma vez conhecidas as variáveis de um comportamento, com seus ônus e bônus, e programadas estratégias de minimização de prejuízos e potencialização de benefícios, haverá configurações de masculinidade mais apropriadas aos homens fortificando seu bem-estar social e sua saúde integral.

UM OLHAR CRÍTICO DA OBRA "COMO TREINAR O SEU DRAGÃO"

Em muitas culturas originárias, jovens passam por rituais e costumes específicos a fim de elevarem seu status na comunidade. No livro "Como treinar o seu dragão" (Cowell, 2010), construído em um universo nórdico com ancestralidade viking, os garotos entre nove e treze anos de idade vivem essa jornada de heróis. O protagonista Soluço Spantosicus Strondus III, herdeiro da Tribo dos Hooligans Cabeludos, é convocado para uma espécie de teste de iniciação, juntamente a outros garotos. Esse teste envolve uma arriscada aventura de seleção dos dragões hibernados para, posteriormente, adestrarem e serem aceitos na tribo. No entanto, essa missão é apenas o primeiro passo em uma história épica.

Entre desafios e correndo risco de integridade, os meninos conseguem seus dragões de diferentes portes e atributos. Em seguida, cada viking mirim deve treinar o seu dragão, com quaisquer métodos, para obedecer a seus comandos. Apesar de ser o filho do chefe da tribo, Soluço expressa acentuada dificuldade para domar o seu dragão, que parece ser o menos útil e mais teimoso, isso porque o garoto não se enquadra nos moldes de "ser viking". Devido a essa inadequação relativa às

expectativas sociais, Soluço usa a criatividade para treinar o seu dragão sem gritos e violência, dividindo suas angústias e avanços com o amigo Perna-de-peixe, também inadequado para o modelo viking, e com o avô Velho Enrugado.

Dado o tempo para adestramento, chega-se à última fase do teste de iniciação, no Dia de Thor, em que jovens de várias tribos participam para evidenciarem sua bravura, coragem, dominação e controle sobre os dragões e sobre uns aos outros. Porém, uma confusão acontece entre os dragõezinhos, os quais descobrem que há dois dragões absurdamente gigantes na Ilha de Berck, representando uma ameaça para toda a população. Com o fracasso dos homens adultos na resolução do problema, resta aos jovens garotos uma atitude de defesa que recai sobre Soluço devido às suas habilidades peculiares e, outrora, abjetas. No fim, Soluço lidera uma estratégia de ataque incomum que salva todos da ilha e, finalmente, recebe seu reconhecimento como um viking da Tribo dos Hooligans Cabeludos.

Entre personagens com nomes grotescos e ilustrações caricatas, o livro de Cowell (2010) narra uma história heroica nada convencional, destinada a garotos a partir e oito anos de idade. A jornada de Soluço mostra que um herói não precisa ser o mais forte, o mais popular ou o mais temido, pois um verdadeiro herói é aquele que faz o bem a partir do que tem de mais valioso em si. No caso do herdeiro da tribo, são suas qualidades que salvam a todos e revelam um novo modelo de ser líder, viking e garoto. Com efeito, a história expressa que ser diferente da maioria não é uma desvantagem, que a brutalidade pode ser substituída por métodos mais compassivos e que, com incentivo apropriado, criatividade e melhores condições, aquele, que parece o menos heroico, torna-se capaz do extraordinário.

A HEGEMONIA MASCULINA: DOI SER O MENOS VIKING, MAS QUE ALÍVIO!

Conforme já apresentado, existe um modelo hegemônico que consiste em regras de como os homens devem ser. Essas regras são passadas de gerações a gerações e impactam vários homens. Curiosamente, numa sociedade viking fictícia, essas regras são observadas tanto às claras quanto veladas. Alguns trechos da história de "Como treinar o seu dragão" (Cowell, 2010) ilustram tal cenário.

Sabe-se que o homem nórdico expõe valores hiper masculinizados como alguém pronto para liderar e guerrear (Langer, 2025). Observa-se isso no trecho

"Vocês estão aqui para provar sua capacidade de se tornarem Heróis Vikings" (Cowell, 2010, p.13). O personagem Bocão está dizendo que as etapas de formação do teste tornarão os meninos em heróis vikings, entendendo-se como sinônimo para "homens". Em outra fala, Bocão corrobora com ideal de homem nórdico dizendo que "Apenas os HEROIS VIKINGS se atrevem a domar as criaturas mais selvagens e perigosas da face da Terra" (Cowell, 2010, p.13). Com isso, informa que os homens imperam sob outros seres devido às suas masculinidades.

Quem cede às pressões da masculinidade hegemônica tem mais chances de aceitação social, além de evitar punições (Kuch; Dittrich, 2023). Isso se elucida na ordem:

> Não preciso lhes dizer - prosseguiu Bocão, animado - que se for para voltar sem dragão nem vale a pena chegar até aqui. Todos os que FALHAREM nesse teste serão imediatamente exilados. A Tribo dos Hooligans Cabeludos não aceita FRACASSADOS. Só os mais fortes permanecem (Cowell, 2010, p.17).

Aqui, utiliza-se da coerção para obrigar meninos a evitarem a humilhação de serem exilados e a acessarem o status de homem forte ao sequestrarem um dragão mantendo a honra e permanência na tribo conforme as regras de masculinidade.

O uso dos termos "imenso" e "temível" revelam algo interessante no trecho "O pai de Soluço era Stoico, o Imenso, o temível Chefe da Tribo dos Hooligans Cabeludos" (Cowell, 2010, p.18). Essa apresentação de Stoico sinaliza que se mantém o respeito como líder ao ser visto de forma implacável e grotesca como na Imagem 1.

IMAGEM 1 - STOICO, O PAI DE SOLUÇO.



Fonte: Cowell, 2007, p.68.

É proibido ao referencial masculino dividir espaço com a covardia (Langer, 2015). Esse primor pela coragem aparece quando Stoico diz que "Apenas os mais fortes podem permanecer, caso contrário, o sangue Tribal enfraquecerá" (Cowell, 2010, p.131). A fala do chefe sobre o desafio de combate reforça a regra de que é a virilidade que separa os recompensados com respeito e validação dos punidos pela vergonha e exílio.

A invenção do duelo chegou ao âmbito das masculinidades como uma prática para defender a honra ameaçada em um dado contexto (Viana; Ferrarini, 2016). A honra é posta à prova no trecho "Vocês vão impor sua vontade a essas criaturas selvagens e lhes mostrar quem é o Mestre" (Cowell, 2010, p.43). Dominando os dragões, os meninos são honrados pelos outros.

Apesar de ser o herdeiro, Soluço não parece atender às expectativas. Observe o trecho "Para começar, ele não tinha CARA de herói. Um sujeito como Melequento, por exemplo, alto, musculoso, coberto de tatuagens de caveiras e com um começo de bigode, levava mais jeito" (Cowell, 2010, p.22). Esta narração compara nitidamente Soluço a Melequento em relação ao que se espera de um homem/viking/líder/herói. Ainda no trecho a seguir, conta-se o que um menino viking deve apresentar. "Veja minhas habilidades esportivas, minha coragem de viking, minha violência cega" (Cowell, 2010, p.59). A fala de Melequento induz que a masculinidade hegemônica é a mais privilegiada (Kuch; Dittrich, 2023).

Em contrapartida, o herdeiro é descrito como diferente ao ideal, no trecho "Soluço era um garoto absolutamente normal, magrinho, sardento, do tipo que passa despercebido no meio da multidão" (Cowell, 2010, p.23). Assim como no trecho "Já Soluço era do tipo miúdo e tinha uma cara fácil de ser esquecida" (Cowell, 2010, p.22). A presença de Soluço não era respeitada devido à falta de virilidade, ele é discriminado por não padecer à hegemonia.

Uma fala sensível não é esperada de um homem/viking. O trecho a seguir revela a falta de destreza em comunicação empática por parte dos homens. Isso porque tal habilidade está relacionada ao feminino, não é viril:

> Teria de usar uma frase cheia de tato e sensibilidade, Bocão imaginara, mas tato e sensibilidade nunca foram seu ponto forte, então ele levara cinco minutos para pensar em: 'Soluço se deu mal. SINTO MUITO' (Cowell, 2010, p.42).

A partir de uma modelação, o pai de Soluço tenta ensiná-lo a agir como um viking/homem utilizando do grito como comportamento coercitivo para que o dragão obedeça e evite punições. Isso é lido no trecho "DESCADAISEUREPTILZINHOHORRÍVEL! - gritou Stoico. Banguela desceu. - Está vendo? - disse Stoico. - É assim que se trata um dragão" (Cowell, 2010, p.82). A raiva é uma das poucas emoções aceitas nas configurações masculinas porque relaciona-se com a virilidade (Farias, 2023). Espera-se o grito do garoto. Entretanto, Soluço diz "gritar é mais uma das habilidades que não tenho". (Cowell, 2010, p.73). Ele expressa o descontentamento consigo por não adquirir em seu repertório comportamental mais um comportamento essencialmente masculino.

A educação de meninos, à base de brinquedos de guerra, é voltada à autoridade e à violência (Farias, 2023). Essa premissa está no seguinte incentivo "Brincar assim, de luta, é bom para o dragão jovem. Obriga ele a aprender a se defender" (Cowell, 2010, p.87). Nessa fala, o dragão jovem poderia ser substituído pelo menino jovem, o qual submetido a condições perigosas, é obrigado a agir com reflexos, por vezes violentos, contra aquilo que lhe ameaça, contribuindo para se adequar à masculinidade ao adquirir o domínio de comportamentos violentos. Vale observar que o menino domando o dragão simula um homem adulto educando um menino, aprendendo a domar também aprende a ser homem/viking.

O trecho a seguir traz, sutilmente, uma ridicularização "E se você ganhava fama de covarde na Tribo dos Hooligans, era melhor fazer logo o serviço completo: vestir um gibão cor-de-rosa, começar a tocar harpa e trocar o nome para Hermintruso" (Cowell, 2010, p.58). Essa narração corrobora com a regra de que o homem deve se afastar dos elementos femininos, pois isso é motivo de vergonha. Com ironia, diz-se que ser covarde não é papel masculino, entendendo que é um papel feminino. Então se um menino é covarde, ele deve buscar outras formas de feminilidade já que está mais próximo disso que do masculino. Sendo essa aproximação do universo feminino algo vexatório.

Além da coragem, o tipo de dragão também era uma exigência. Como no trecho "Na verdade, a única coisa extraordinária sobre aquele dragão era como ele podia ser tão excepcionalmente PEQUENO. Isso sim era admirável" (Cowell, 2010, p.50). O fato de o dragão de soluço ser um dos menores atrapalha sua posição social como futuro líder da tribo.

Ao descobrirem o dragão de Soluço, ele sofre represálias. Observe o trecho:

Recuperou o fôlego de tanto rir. - O que É ISSO, Soluço? Um coelhinho marrom com asas? Uma fadinha das flores? Um sapinho voador? Venham todos ver o animal magnífico que Nosso Futuro Líder capturou! (Cowell, 2010, p.54).

O personagem Melequento desqualifica o dragão de soluço ao defini-lo com elementos ditos como femininos e no diminutivo, debochando dele e constrangendo-o ao pôr sua masculinidade em dúvida.

IMAGEM 2 - SOLUÇO E BANGUELA



Fonte: Cowell, 2007, p.80.

Além do dragãozinho do Soluço, exibido na Imagem 2, seu amigo também foge ao ideal de homem, como visto na Imagem 3. No trecho a seguir há um humor ácido "Perna-de-peixe suspeitava de que a *dragoa* fosse até mesmo vegetariana" (Cowell, 2010, p.91). O personagem se vê numa situação tão desfavorável que até a função bélica de ter um dragão não está ao seu alcance. A possibilidade da *dragoa* ser vegetariana inibe seus comportamentos de caça e defesa, tornando-a inútil como um animal predador. Isso afasta o seu domador da configuração hegemônica de masculinidade. Com isso, Perna-de-peixe, ao dizer "Eu... detesto... ser... um... viking" (Cowell, 2010, p.45), expressa como não encontra operações motivadoras[13] para agir de acordo com o padrão hegemônico de masculinidade.

[13] São ocorrências ambientais que afetam, momentaneamente, comportamentos aprendidos, aumentando a eficácia de um reforçador ou reduzindo a eficácia de um prejuízo (Borges et al, 2012).

IMAGEM 3 - PERNA-DE-PEIXE E VACA ATERRORIZANTE



Fonte: Cowell, 2007, p.97.

A dificuldade com o teste de iniciação amedronta os garotos. É nítido o sentimento de inadequação no trecho "O ponto é que não vejo como algum dia vou poder me tornar um herói - disse Soluço, com tristeza. Sou o garoto menos heroico de toda a Tribo dos Hooligans" (Cowell, 2010, p.71). Nessa fala, podemos comparar o substantivo herói ao substantivo homem. Soluço demonstra angústia ao notar que existe uma discrepância entre seus comportamentos e os comportamentos regrados pela masculinidade hegemônica. Essa angústia é um sinal de sofrimento por inadequação.

Quando um evento é sucedido de uma punição diversas vezes, pode-se prevê-lo. As respostas que produziriam reforçadores positivos são suprimidas quando identificada uma punição inevitável (Farias, 2023). Isso é o que ocorre no trecho "É verdade - admitiu Soluço -, mas, pelo amor de Thor, não conte a ninguém, eles não compreenderiam" (Cowell, 2010, p.74). Soluço teme que descubram sua habilidade de falar com dragões, tentando evitar uma possível punição, assim como suprime o comportamento de falar com os dragões na presença de outros garotos, já que assim a humilhação (punição) é inevitável.

Durante uma ameaça, um vilão elogia Soluço no trecho "Já faz muito tempo desde que uma refeição minha demonstrou alguma inteligência." (Cowell, 2010, p.158). O grande dragão, que ameaça à integridade de todos da tribo, reconhece a individualidade, pouco masculina, de Soluço como uma habilidade valiosa. Agir de forma esperada a um homem, isto é, atacando o dragão com arrogância e violência, poderia resultar em uma total desconsideração por parte do vilão que, com suas garras quilométricas, atacaria de volta toda a população. A seguir,

o vilão diz "Você é um aperitivo esperto, poderia me prender por ANOS numa conversa..." (Cowell, 2010, p.161). É justamente o fato de Soluço não ser um garoto heteronormativo que ele consegue adiar os riscos que toda a ilha corre.

A jornada dos homens é equiparada à jornada do herói que realiza um trabalho superior, beneficiando uma sociedade e elevando a si mesmo a um status maior (Viana; Ferrarini, 2016). Isso é lembrado no trecho "Disse Perna-de-peixe - mas você está destinado a ser herói, lembra? Filho do Chefe e tudo mais. E você vai ser um herói, eu sei que vai" (Cowell, 2010, p.52). O encorajamento do amigo de soluço indica que a masculinidade subordinada traz efeitos positivos, pois permite um apoio adequado à situação, diferente de Bocão que pune.

Ao longo dos trechos supracitados nesta seção, viu-se que o livro é interessante para traçar paralelos entre o que é um homem ideal e o que não é, na visão hegemônica. Também pode servir para inspirar meninos que não correspondem a esses ideais opressores, reforçando que suas outras habilidades são tão valiosas quanto, ou ainda mais. Afinal, Soluço foi o único a conversar com os dragões no momento de perigo, mesmo essa sendo uma habilidade condenável. Enfim, as masculinidades são plurais e isso tem importância.

ESTILOS PARENTAIS: A MASCULINIDADE EM TRÊS GERAÇÕES VIKINGS

Ao decorrer do livro (Cowell, 2010), nota-se algumas passagens relacionadas aos estilos parentais na vida de Soluço. Enquanto seu avô tolera a subordinação do neto, até mesmo enxerga nela alguma utilidade; por outro lado, o pai de Soluço tarda a reconhecer a subordinação do filho com algo de valor.

Falar com dragões não é bem-visto na história porque os animais são desprezados. Todavia, Soluço escuta que "A habilidade de conversar com dragões é muito rara, disse Velho Enrugado. - Talvez - ele prosseguiu - você possa treinar melhor um dragão conversando que berrando com ele" (Cowell, 2010, p.74). O avô de Soluço encoraja sua habilidade, vista pelo neto como algo irrelevante por afastá-lo ainda mais do ideal de masculinidade. Isso, vindo de um cuidador, ganha um novo significado, passando de algo vergonhoso a algo vantajoso, elevando a autoconfiança de Soluço a partir da sua idiossincrasia.

"É menos provável que meninos sejam "consolados" por pequenos ferimentos, e mais provável que sejam censurados por chorar" (Skinner, 1980, p. 346–

347 *apud* Marques; Melo, 2024). Tal exigência rígida de como um homem deve ou não agir é confrontada no trecho:

> De qualquer modo, talvez seja disso que a Tribo precisa, de uma mudança no estilo de liderança. Porque a questão é que os tempos estão mudando. Não vamos conseguir continuar sendo maiores e mais violentos que os outros impunemente. IMAGINAÇÃO É disso que eles precisam e é isso que você tem a oferecer. Um Herói do Futuro deverá ser astuto e esperto, não só um grandalhão todo musculoso. Ele terá de fazer com que todos parem de brigar entre si e juntos enfrentem os inimigos (Cowell, 2010, p.71-72).

A fala do avô de soluço é outro exemplo de comunicação efetiva com empatia, ao valorizar aquilo que faz soluço ser diferente dos outros garotos e conferindo-lhe novas possibilidades de atuação acompanhadas de relevância para toda a comunidade. É neste momento que ser diferente se aproxima de recompensas porque acessará o respeito pela comunidade ao propor um novo modelo de masculinidade que antes era condenada. Além de conter a valorização por não ser um homem convencional, essa situação ilustra uma relação segura, afetiva e respeitável entre um homem mais velho e seu neto, escapando da hierarquização indiferente e, por vezes, cruel comumente estabelecida.

O pai de Soluço se questiona sobre "Que tipo de pai era ele, que colocava suas preciosas Leis acima da vida de seu filho? Mas também que tipo de filho descumpriria as preciosas Leis que seu pai tinha respeitado e obedecido a vida toda?" (Cowell, 2010, p.137). Essa indagação "dilemática" é um conflito de contingências entre a pressão para manter o modelo ideal/hegemônico de homem/viking e a abertura para valorizar quem foge à regra.

Finalmente, Stoico apresenta seu filho com aprovação e não mais com vergonha. Somente quando Soluço utiliza suas habilidades, a priori desvalorizadas, e afasta o perigo mais inimaginável da ilha, é que recebe seu reconhecimento, no trecho:

> "Hooligans e Cabeças-ocas! Terror dos Mares, Filhos de Thor e temíveis Mestres de Dragões! Sinto-me honrado por presenteá-los com o mais recente membro da Tribo dos Hooligans Cabeludos. Eu lhes apresento meu filho: SOLUÇO, O ÚTIL!" (Cowell, 2010, p.216).

Stoico é um exemplo caricato e literal do homem hegemônico que é forte, irrefreável e dominante. Para ele, esse *status* é funcional porque sustenta sua posição de chefe da tribo, fugir do padrão traria muitos prejuízos, então esse risco contribui para sua hegemonia masculina. Por outro lado, Velho Enrugado está fora do alvo de críticas, essa condição contribui para que aceite o neto do jeito que ele é. No meio disso, Soluço busca um modo para ser bem-quisto pelo pai, e para não o envergonhar como filho e herdeiro da tribo; como também encontra apoio no avô para reestruturar essa autorregra de ser igual aos outros garotos. Entre diferentes estilos parentais, o menino cresce, amadurece e se vê com valor.

MÚSCULOS E BERROS OU RAZÃO E EMOÇÃO: CONTRAPONTOS ENTRE HEGEMONIA E SUBORDINAÇÃO MASCULINAS

Apesar da força coercitiva por parte das configurações hegemônicas de masculinidade, ainda há aqueles que se imunizam de tais regras. Vale lembrar que os homens, os quais se comportam de modo subordinado, fazem-no por, pelo menos, duas razões. A primeira é em função da falta de repertório comportamental específico da hegemonia com ações de liderança, dominância, tentativas de se pôr em risco, expressar raiva e dispor-se aos embates corporais. A segunda é decorrente de uma espécie de autocontrole[14], em que o homem reconhece ser mais vantajoso agir de modo opositor ao modelo masculino que lhe é apresentado. Nas duas razões, os homens subordinados são vítimas de práticas discriminatórias, a diferença é que na segunda há uma resistência maior às punições.

Logo no começo da história, o trecho "Na certa você já deve ter percebido que Soluço não era um Herói Viking por natureza" (Cowell, 2010, p.22) revela a subordinação do protagonista. Sob o risco de guerra, em muitas sociedades o ideal de homem recai na figura do guerreiro (Viana; Ferrarini, 2016). Mas Soluço não corresponde a tal ideal, conforme reflete no trecho "Eu não fui o tipo de garoto capaz de treinar um dragão apenas com um erguer de sobrancelhas. Eu não era um herói nato. Precisei me esforçar muito. Esta é a história de como me tornei herói do jeito mais difícil que existe" (Cowell, 2010, p.9). Ele descreve que

[14] É a capacidade de ser, ao mesmo tempo, tanto quem controla quanto quem é controlado. Na perspectiva de Skinner (1974), o autocontrole está relacionado com a consequências de comportamentos já experimentados ou observados, o que é necessário para o próprio indivíduo evitar privações e se aproximar de reforçadores.

nunca se adequou às normas de um viking, mas lançou mão de novos métodos para encontrar seu lugar na sociedade, com respeito, e, para isso, precisou de estratégias de sobrevivências e oportunidades que valorizassem sua subordinação.

Em grupos hegemônicos, homens cúmplices acessam mais reforçadores do que individualmente (Kuch; Dittrich, 2023). Mesmo sendo um menino exótico, durante um episódio de desespero, um oponente desconhecido elege Soluço como líder para que todos acessem o reforçador, que, no caso, é o alívio do problema, conforme o trecho:

> Pense o tempo que quiser, cara - disse Impiedoso. - Trata-se de uma situação que exige muita reflexão, e tenho a impressão de que você é o único aqui que sabe refletir. Qualquer pessoa que consegue conversar com um tubarão alado do tamanho de um planeta por vinte minutos e sair com vida é um pensador melhor que eu" (Cowell, 2010, p.168).

Impiedoso era um oponente do desafio, membro de outra tribo que, embora corresponda às regras de masculinidade, aprecia a inadequação de Soluço, não como um defeito, mas como uma habilidade louvável, e talvez a última esperança, para escaparem vivos de uma situação ameaçadora.

Em dado momento, exigiu-se mais do que força de um guerreiro. A partir da Revolução Industrial, o intelecto ganhou mais valor do que a força bruta, condecorando a racionalidade do homem patriarcal (Viana; Ferrarini, 2016). E essa capacidade racional é um ponto forte ressaltado no trecho "É tudo psicologia - disse Soluço. – Esse jeito é inteligente e mais sutil, nada de bancar o homem das cavernas e ficar berrando feito você com sua Vaca Aterrorizante" (Cowell, 2010, p.90). Aqui Soluço justifica o seu comportamento dócil para com o dragão, atribuindo a si mesmo técnicas refinadas de controle, diferentes daquelas tradicionais passadas por gerações.

Soluço optava sempre por respeitar a dignidade do seu dragãozinho. A exemplo do trecho "Assim, o menino foi o mais doce possível com seu dragão. Deu a ele o lado confortável da cama e ficou perigosamente espremido na beirada" (Cowell, 2010, p.89). Aqui, Soluço age de forma subordinada e trata o dragão com gentileza em vez de violência. Ele domestica o seu dragão, chamado Banguela, com doçura, criando um vínculo e trazendo resultados positivos, como no trecho:

> Foi uma tarde agradável. A chuva parou, o sol brilhou, e Bangue-la não fez feio na caçada. Ele apanhou alguns peixes e, lá pelas tantas, saiu atrás de coelhos nos rochedos. E, finalmente, voltou ao chamado de Soluço. Depois de poucas horas já tinha pescado seis arenques médios e um cação (Cowell, 2010, p.107).

Soluço usou de piadas para montar uma contingência de reforçamento em que seu dragão executava a tarefa de pescar e ouvia uma piada como recompensa. Enquanto isso, o próprio Soluço se esquivava de situações em que suas habilidades vikings/masculinas fossem questionadas, afinal seu dragão estava treinado, embora ninguém soubesse que fora à doçura e não aos gritos. Não havia hierarquização nem dominação, era uma relação consensual. Tal construção amistosa é verificada no trecho:

> Talvez, em algum lugar do seu coração verde de dragão egoísta, ele realmente gostasse de Soluço e sentisse gratidão pelas horas que passaram juntos, a atenção, as piadas, o fato de que ele nunca berrava, ou porque a lagosta que ele lhe dera era a maior e mais gostosa de todas (Cowell, 2010, p.200).

Essa descrição sobre o dragão de Soluço exprime os efeitos positivos de treinar com doçura. Além disso, lendo-se, hipoteticamente, o dragão como um garoto, que é educado com respeito, validação, recompensas naturais, em vez de coerção e punição deliberadas, nota-se que favorece seu desenvolvimento saudável. Pelas tecnologias teóricas da Análise do Comportamento, modelos educativos são mais bem estruturados, e alguns trechos do livro de Cowell (2010) cristalizam a concepção de que reforçar algo positivo é mais sadio do que punir quando se erra ou disside das regras. Com efeito, torna-se mais provável que meninos sejam queridos pelas subordinações, e menos provável que sejam censurados por se diferenciarem do ideal (Skinner, 1980 *apud* Marques; Melo, 2024).

Ainda na etapa de encontrar um dragão para treiná-lo, Soluço se desespera. Essa resposta de medo vem dos seus conhecimentos de risco. Apesar dessa racionalização, ainda é exigido que os homens estejam sempre disponíveis para atividades perigosas porque diz-se que a bravura está em sua natureza (Kuch; Dittrich, 2023). Não é o caso de Soluço, como se apresenta no trecho:

> Soluço engoliu em seco. Ele sabia muito mais sobre dragões que qualquer outra pessoa ali. Desde pequeno era fascinado por essas criaturas. Passara horas observando-as, escondido. (Os observadores de dragões eram considerados nerds, por isso mantinham suas atividades em segredo). E tudo o que Soluço aprendera sobre dragões lhe dizia que entrar em uma caverna com três mil deles seria loucura (Cowell, 2010, p.15).

A narração acima sobre Soluço indica que ele desvirtuava do modelo viking que lhe era esperado. Já em outras narrações, Soluço é apresentado como alguém que possui certas aptidões exigidas dos homens/vikings, muito embora à sua maneira, como no trecho:

> Embora não fosse um dos típicos brutamontes desmiolados da Tribo, Soluço também não era uma "florzinha". Sentir medo é diferente de ser covarde. Talvez ele fosse tão corajoso quanto o restante dos colegas, porque saiu para capturar um dragão, mesmo sabendo como são essas criaturas. E, depois de ter escalado perigosamente até a boca da caverna, e descoberto que lá dentro havia um túnel longo e tortuoso, ainda assim ele prosseguiu, apesar de não gostar nem um pouco de túneis compridos e tortuosos com dragões ao fim (Cowell, 2010, p.26).

Essa narração aponta como Soluço se submete às regras sociais para evitar punições, afinal ele suprimiu o medo para passar na primeira fase do teste. No trecho acima também é descrito que uma característica esperada dos homens é a coragem, um traço de masculinidade hegemônica. Entretanto, o protagonista tem uma coragem no sentido de superar seus limites, ao contrário da coragem hegemônica do ideal de masculinidade que está mais próxima de uma invulnerabilidade, uma ausência de medos.

Respostas que produziriam reforçadores positivos são suprimidas quando identificada uma punição inevitável (Farias, 2023). A ideia de coragem de Soluço como subordinada é reforçada pelo trecho "É mais fácil ser corajoso quando você não tem alternativas." (Cowell, 2010, p.153). O comentário de Soluço reflete que a coragem não é algo inerente ao homem, como uma habilidade que vem

de dentro para fora quando quiser, mas é um comportamento necessário e que surge mediante a interação com situações adversas no ambiente.

A coragem de Soluço aparece novamente quando ele quebra uma regra do teste que é não ajudar os outros, como dito no trecho "Ele enfiou sua cesta nos braços de Perna-de-peixe e agarrou a vazia que estava nas costas dele" (Cowell, 2010, p.34). Soluço ajudou seu amigo apresentando um comportamento de gentileza como sinônimo de amizade, o que foge à regra, pois recai num teor de sensibilidade e vikings não são sensíveis. O próprio viking mirim reconhece sua intrepidez no trecho:

> Também estava um pouco preocupado porque sabia que não deveria ter arriscado a vida para capturar um dragão para Perna-de-peixe. Aquela não era a atitude de um Herói Viking. Um Herói Viking saberia que interferir no Destino de Perna-de-peixe não era certo (Cowell, 2010, p.48).

Ao longo do livro, os amigos Soluço e Perna-de-peixe se apoiam como cúmplices não de uma hegemonia, mas de uma subordinação, pois são alvos constantes de violências. Suas competências de intelectualização, introspecção, autopreservação, estratégias de domesticação, amizade, gentileza e coragem são deturpadas como atributos femininos, vergonhosos e, portanto, inadequados para homens/vikings. Ainda assim, a dupla resiste às pressões hegemônicas, cumprem os objetivos e, finalmente, são valorizados. É uma trajetória relevantes para contar aos "meninos doces" que ser homem é muito mais do que ser grotesco.

A DOÇURA É UM REMÉDIO NAS PÁGINAS DE UM LIVRO: HOMENS DO FUTURO

Em sua canção, Gilberto Gil (1979) canta sobre como os homens se iludem com a versão mais estereotipada de sua masculinidade, embora experimentar alguns traços associados às feminilidades sejam benéficos. Infelizmente, muitos homens negam qualquer aproximação da sua identidade ao que é feminino com base nas regras sociais, quer seja por opção, quer seja por opressão. Essa aversão ao que está dito como "de mulher" nem sempre é legítima, nem todos os homens

que a demonstram estão congruentes, alguns reproduzem pela cumplicidade aos mais dominantes.

É verdade que as exigências discrepantes e os esforços desmedidos para seguirem o modelo ideal de masculinidade trazem incontáveis malefícios. Ocupar uma posição de destaque, possuir acessos ilimitados e dominar outras pessoas parece atrativo, no entanto há um lado infeliz. Sabe-se que 57% dos homens são ensinados a não expressarem suas emoções e 78% são ensinados a não se comportarem de modo que insinuem feminilidade (Kuch; Dittrich, 2023). Ao expressar sua tristeza chorando, um menino escuta que chorar é "coisa de mulher" ou que "homens não choram", punindo a resposta de expressão emocional e ensinando que ser mulher é desagradável (Farias, 2023).

Retomando uma premissa valiosa já mencionada, os homens são ensinados a não serem mulheres. Existe uma atitude defensiva diante da possibilidade de expressar uma vulnerabilidade (Kuch; Dittrich, 2023). Qualquer sinal dissidente é uma brecha para sofrer represálias e perder os reforçadores. Nessa perspectiva, o agir masculino não é natural, são instruções sob ameaças uns dos outros, é um jogo cujo objetivo nem sempre é subir ao pódio, deve-se contentar em não perder. E esse padrão comportamental conduz a patologias.

Quem não segue o modelo está condicionado à subordinação. Não sendo, a priori, o comportamento subordinado uma escolha, e sim uma dificuldade em seguir as regras que expõe a riscos violentos e vexatórios, comparam-se aos das mulheres para elucidar sua discrepância com a hegemonia e cumplicidade. É verdade que alguns homens decidem romper com os paradigmas idealistas de masculinidade tradicional; e ainda que os efeitos punitivos sejam de menor magnitude, as punições ainda estarão presentes.

Os esforços para escapar das punições ou para conseguir alguma vantagem podem sensibilizar os homens a um intenso, e silencioso, sofrimento conforme alguns dados. A cada dez homens, sete são ensinados a não demonstrarem fragilidade (Farias, 2023). Os homens brasileiros se suicidam quatro vezes mais do que as mulheres (Marques; Melo, 2024). O boletim epidemiológico de 2017 revelou que 79% dos casos de suicídio ocorridos no Brasil foram por homens (Farias, 2023). Dadas essas informações, é primordial destacar a urgência de convocar estudiosos e profissionais da saúde mental ao contexto apresentado.

Afinal de contas, as configurações de masculinidade trazem prejuízos significativos nas relações interpessoais, reduzem a busca por serviços de saúde, incluindo a psicológica, como também reforçam comportamentos autodestrutivos

(Kuch; Dittrich, 2023). Além disso, punições diante de expressão emocional prejudicam o desenvolvimento do repertório de autoconhecimento (Farias, 2023). É inadmissível insistir que jovens meninos perpetuem modelos tão agressivos e danosos. Na iminência de serem julgados ou incompreendidos, meninos podem recorrer a estratégias individuais para evitar essas punições, por exemplo se isolando ou escrevendo em um diário (Farias, 2023). A colaboração interpessoal perde força quando edificada por sentimentos genuínos, enquanto sua aglutinação é forçada pela cumplicidade no que há que de mais nocivo nas regras hegemônicas.

A despeito de tantos prejuízos, ainda há o que ser feito. São nas famílias e nas escolas que essa remediação deve iniciar. Com a potência pedagógica, as regras do que significa "ser um homem de verdade" podem ser remodeladas. É importante que as crianças sejam convocadas, cada vez mais, a refletirem sobre as configurações de gênero e a questionarem a conformidade das hierarquias dessa lógica (Esper; Unsain; Figari, 2022).

As autoras Botton e Strey (2015) assumem a literatura infantil como uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento cognitivo, à sensibilidade ao mundo intelectual, bem como um dispositivo de incisão de ideias e cristalização de regras que esperam-se seguir à risca. Assim sendo, livros de histórias condecoram-se como instrumentos épicos de educação, atuando na construção de criticidade e reinvenção de expectativas. Por isso, narrações como a de Soluço (Cowell, 2010) brilham entre as sombras que tantos meninos estão cobertos.

Para que as crianças alcancem esse repertório crítico e mudem o cenário, espera-se o modelo por parte de quem cuida. Uma criança que é exposta a um ambiente familiar em que os seus responsáveis praticam leituras, é mais provável de desenvolver esse comportamento (Esper; Unsain; Figari, 2022). A partir dessa mediação, o que se descobre é um mundo a ser transformado, relações para serem reinventadas.

Os livros infantis transmitem comportamentos socialmente aceitos (Botton; Strey, 2015). Por vezes, na literatura, as interpretações sexuais corroboram com uma visão intransigente do futuro de meninos e meninas, engolindo suas subjetividades, o que pode influenciar a propagação de vivências incompatíveis com as vontades infantis (Botton; Strey, 2015). Contudo, quando a criança se enxerga em um personagem, caminha pelas páginas dos livros, pensa sobre os conflitos e suas resoluções, é convidada à identificação; vê-se um fenômeno de representatividade real ou fantasiosa (Botton; Strey, 2015).

Em virtude disso, defende-se que, após sua análise, o livro "Como treinar o seu dragão" (Cowell, 2010) é útil para auxiliar nesse ensino comparativo daquilo que se deseja aos meninos. Também funciona como ferramenta de reinterpretação da realidade, entre figuras caricatas e um protagonista nada convencional, cheio de "falhas", as quais, na verdade são suas melhores qualidades. Para preservar a saúde dos homens, seus repertórios comportamentais precisam ser desenvolvidos o quanto antes, ainda meninos, traçando um novo futuro com mais doçura e menos coerções. E, para tanto, a literatura infantil, a Análise do Comportamento Radical, os familiares, os educadores e os profissionais da saúde mental são os ingredientes necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há uma essência masculina e nem um código genético que determine por completo o comportamento dos homens. Por isso, cada homem é único em sua masculinidade que foi construída ao longo do seu desenvolvimento. Quanto mais precocemente um menino for educado sobre essa diversidade dentro do gênero, melhor será o seu desempenho em relações, minimizando os desafios enfrentados por parte daqueles que não exibem comportamentos culturalmente atribuídos à masculinidade. E a literatura infantil traz utilidades para essa educação, como foi apresentada a história de Soluço. Assim, espera-se que mais pessoas estejam dispostas a compreender essas dinâmicas para contorná-las.

RECEBIDO em 18/05/2026
APROVADO em 25/07/2026

REFERÊNCIAS

BORGES, N. B. et al. **Clínica analítico-comportamental:** aspectos teóricos e práticos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BOTTON, A.; STREY. M. N. O gendramento da infância através dos livros infantis: possíveis consequências em meninos e meninas. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 915 - 932, 2015. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p915. Acesso em: 11 dez. 2025.

COWELL, C. **Como treinar o seu dragão**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

ESPER, M.; UNSAIN, R. E.; FIGARI, C. Masculinidades hegemônicas sob o olhar infantil. **PSICOPERSPECTIVAS**, v. 21, n. 2, 2022. Disponível em https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/2511/1676. Acesso em: 11 dez. 2025.

FARIAS, W. A. **Análise de contingências nos relatos de J. J. Bola em "Seja homem: A masculinidade desmascarada"**. Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023. Disponível em https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/36348. Acesso em: 11 dez. 2025.

FERREIRA, V. Entre populismo penal e populismo digital: discursos masculinistas e a comunidade Red Pill no YouTube brasileiro. **Caderno CRH**, Salvador, v. 36, e023023, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccrh/a/DnJsTzhcrTY893SYsJTyFZc/?lang=pt. Acesso em: 5 mar. 2026.

GILBERTO GIL. **Super-homem, a canção**. In: GIL, Gilberto. Realce. [S.l.]: WEA, 1979. Faixa 3.

KUCH, I. E.; DITTRICH, A. As masculinidades como variáveis relevantes para analistas do comportamento: Reflexões teóricas e práticas. **Perspectivas em Análise do Comportamento,** *[S. l.]*, p. 154–169, 2023. Disponível em: https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/982. Acesso em: 31 dez. 2025.

KUCH, I. E.; DITTRICH, A. Homens: Parte do Problema ou da Solução? **Behaviorismo, Política e Masculinidades.** 2024. Disponível em https://actacomportamentalia.cucba.udg.mx/index.php/acom/article/view/88351. Acesso em: 11 dez. 2025.

LANGER, Johnni. **Na trilha dos vikings: estudos de religiosidade nórdica.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 284p.

MARQUES, L. A.; MELO, C. M. de. O conceito de Masculinidade(s) à luz da Análise do Comportamento. Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: **Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate,** Paraná, 2024. Disponível em https://anais.uel.br/portal/index.php/praxis/article/view/4243. Acesso em: 11 dez. 2025.

MENEGHETTI, F. K. Documentos e Debates: O que é um Ensaio-Teórico? **RAC**. Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011. Disponível em https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 11 dez. 2025.

MOREIRA, L. Masculinidade genealógica e o "viking" do capitólio: reflexões sobre virilidade e política. **NOVOS DEBATES,** 7(1): E7102, 2021. Disponível em https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/181. Acesso em: 31 dez. 2025.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

SELLA, A. C.; RIBEIRO, S. M. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

VIANA, M. A.; FERRARINI, N. L. **A LACUNA MORAL NA EDUCAÇÃO DE MENINOS: O IMPACTO DAS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE MASCULINIDADE NA SUBJETIVIDADE INFANTIL.** Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/85. Acesso em: 11 dez. 2025.